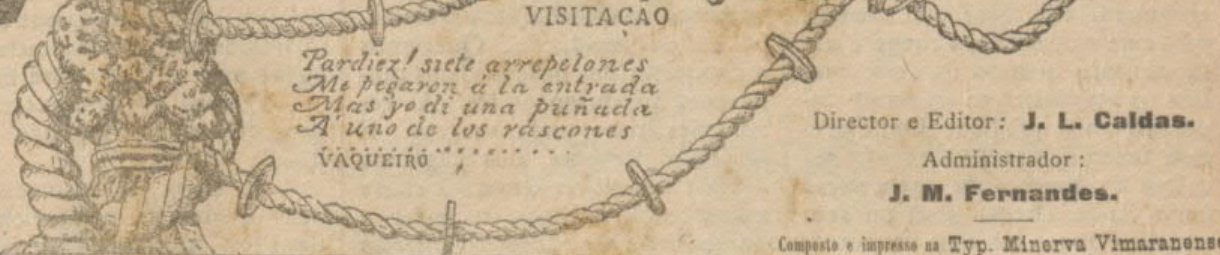




Semanario Monarchico e Regionalista
(Litterario e Noticioso)
Propriedade da Empresa "Gil Vicente"
Redacção e Administração:
LARGO DR. SIDONIO PAES, 99 E 100

GIL VICENTE



VISITACÃO
*Pardiez! siete arrepolones
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascos
VAQUETIRO*

Director e Editor: J. L. Caldas.
Administrador:
J. M. Fernandes.

Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesse

Monarquicos de Guimarães

Na hora mais grave que a nacionalidade atravessa, nós vimos com fé e sem desfalecimentos assentar praça, á sombra da bandeira das quinas. Não tememos o combate, não obstante as nossas armas serem em tudo diferentes das dos nossos inimigos. Desejamos combater para que do nosso esforço advenham dias melhores á terra que estremecemos.

Saimos para a luta quando muitos dos nossos melhores e mais valiosos correligionarios se encontram fóra do combate. Mas nem por isso esmorecemos. A republica em qualquer das suas modalidades ha de ter sempre em nós inimigos a temer. Seja ela a radical que para aí vegeta no meio de crimes sem conta, seja a conservadora que por duas vezes nada conseguiu de constructivo. Dela nada queremos. Nem favores nem nada. Reconhecemo-la, mas sómente para a combater. Temos fé, acreditamos piamente nos destinos heroicos da raça. Mas esses destinos só podem cumprir-se, desde que a republica morra. O futuro da nacionalidade é incompativel com a existencia da republica. E nós queremos muito á nossa terra. Amamo-la com todo o nosso coração, com todo o nosso espirito, com todas as nossas forças. E na proporção em que a amamos, odiamos a republica.

Somos novos. Caminhamos para a vida. E saibam os homens da republica que aqui, deste lado, não se adere, nem se pedem empregos. Queremos muito aos nossos principios e por eles daremos a vida no dia em que nos chamem a combater.

Somos monarquicos. A bandeira de Coolela e Marracuene fluctua deante de nós. Pois bem. E' a mocidade da vossa terra, ó monarquicos de Guimarães, que vos pede encarecidamente a união. Não deserteis, não abandoneis os vossos postos. E' preciso correr para longe esse agrupamento que para aí se formou mais por ganancia que por ideais. Quando

eles vos forem pedir os vossos votos, dizei-lhes que tenham vergonha. Que se vam para junto daqueles que sam republicanos. Eles não vos merecem contemplações. No fundo sam ainda piores que os avançados. Estes sam sinceros. Eles não o sam. Sam amarelos, sam uns deslocados. Lembrai-vos, correligionarios queridos, que em 1917, todos andavam juntos. Todas as poucas vergonhas que neste concelho se praticaram foram permitidas e aconselhadas por eles. Sam todos filhos da mesma mãe. Uma coisa unicamente os separa: a sinceridade, como acima dizemos. Não são capazes de nada.

Para que serviu a votação que lhe emprestastes nas ultimas eleições?

Que tem eles feito na Camara? Nada, absolutamente nada. Entraram para lá com mil projectos e todos se cifram nas senhas do açúcar. Que o acto que praticastes, monarquicos desta cidade e concelho, se não repita. Quando quizerem fazer eleições que as façam com os seus votos. Monarquicos dum lado. Republicanos do outro. Não estamos em tempo de fazer da Camara um campo de aprendizagem para futuros empregos. Separai-vos deles. Deixai-os entregues a si proprios.

Vamos todo em pensamento até junto daqueles que jazem nas masmorras da republica e que pisam a terra do exilio e prometamos-lhes trabalhar pela realisação do nosso ideal comum. Só ele pode salvar isto. Só na Monarquia está a vida. A ela nós damos os nossos esforços. A ela sacrificamos o nosso bem estar. Por ela pulsam os nossos corações. E' a mocidade que toca a unir. Que ninguém falte. Corações ao alto. A cerração destes nove anos de cativeiro começa de tornar-se menos densa. A victoria ha de vir quando menos o pensem. Ninguém morre sem a realisação do seu ideal.

minho que é o unico que em Portugal, na hora que passa, pode e deve ser tomado por quem desinteressadamente olha o futuro da Patria, e, patrioticamente, lhe oferece os seus servicos. Considero-me ainda deputado por Guimaraens, pois que desde 1910 até hoje as unicas eleições politicas que neste paiz se fizeram nas melhores condições de veracidade e honradez, foram aquellas que me levaram á Camara. E a situação que succedeo á que essas eleições serviram, é tão cheia de embustes, de crimes, de falsidades e atropellos, que a sociedade portuguesa não pode deixar de a repudiar com firme decisão. Deputado monarchico por Guimaraens nes-

sa ephemera, e inquieta, e perturbada legislatura de 1918, seu deputado ainda, porque Guimaraens é, por honra sua, e por honra da sua tradição, essencialmente monarchica, — eu não podia deixar de sentir um grande contentamento ao saber que o *Gil Vicente* vinha servir a causa da Patria, no campo em que verdadeiramente a causa da Patria pode ser servida. Eu o saúdo, cheio de commoção, na sua nova phase, e muito especialmente por ver que o não seduziram, nem convenceram as theorias daquelles que andam pregando a commoda mas pernicioso doutrina de que é possível, com e sob o regime republicano, dar a Portugal a ordem que é indispensavel ao seu progresso e á eficacia do seu trabalho. O regime republicano deo as suas provas: foi uma calamidade publica que cahio sobre todos nós, e que nos está arrastando á morte — e isto tão visivelmente, que os principais coveiros da nacionalidade, como o sr. João Chagas, já bradam, desesperados e mordidos de remorsos, que é preciso evitar o desastre.

Meos amigos: devo aos monarchicos de Guimaraens e a todos os que me elegeram, as palavras politicas do momento. Para muito breve prometto cumprir essa minha obrigação. Mas não quiz demorar as minhas saudações ao seu jornal — e porisso lhes escrevo hoje.

Faço votos, os mais sinceros, pelas suas prosperidades, e peço a Deos lhes dê sempre fé nos destinos de Portugal e na victoria da Monarchia.

Muito grato,

Alfredo Pimenta.

Agradecemos ao Ex.^{mo} Sr. dr. Alfredo Pimenta as palavras amigas que nos dirige, bem como os votos sinceros que faz pelas prosperidades do «Gil Vicente».

Aguardamos anciosamente a collaboração de Sua Ex.^a.

Desalento!...

Quando a noite, na vasta solidão,
Esvazia do pranto a négra taça,
Foge-me a vida no apertar da mão:
Colam-se aos meus os labios da desgraça...

Mas, se ao romper d'aurora, a magna passa
E o sorriso se expande mais loução,
Sinto que a dor alhela me escorraça:
Eu vejo orfãos sem lar, lares sem pão...

Porisso, quanto mais diviso e sinto
Mais me convenço que, se canto, mintó...
Se choro, ai! a minha alma é enganada...

Pois, quanto mais divago, choro ou canto!
Mais me convenço, oh! Ceul sublime encanto!
Que a vida eterna é tudo, o mundo é nada!...

MARQUES MENDES.

“ALMAS DO PURGATORIO,”

Eduardo d'Almeida não é um grande escritor — quero dizer, não tem uma grande obra e um nome nacionalmente consagrado — porque o não quiz. Temperamento riquissimo de analista e de escritor, vindo com uma superioridade distinta, maior do que muitas outras, e dizendo com uma nervosidade tocante, nada lhe faltava, nenhuma qualidade lhe era omissa para ser, se o quizesse, um novelista de classe.

Porem, o espirito revolucionario (no sentido da evolução das ideias), a politica activa ou activamente aturada, a advocacia, o parlamentarismo e a finança, a par de certo espirito de descrença, participante em grande parte da sua exagerada e permanente emotividade, conseguiram desviar o curso a esta limpida e magnifica corrente, sem duvida a maior e mais forte de quantas entre nós desdobraram, e uma das que a grande assembleia dos leitores mais interessadamente procuraria no paiz.

De mim para mim, muitas vezes disse, recordando-me dele nas meditações longas do meu exilio de Lisboa:

— Aquele Eduardo!... Que diabo, tanto talento, uma maneira de ser, artistica, tão pessoal!... E nada... Não escreve... Maldita politica! Maldita finança!

E Deus sabe com que sincera emoção o dizia — Deus sabe!

Na construção artistica dos trabalhos até hoje publicados por Eduardo d'Almeida reconhecem-se os seguintes valores:

— uma analyse rica, tão forte mesmo que confunde o artista, tornando-lhe espessas, pela exagerada opulencia da sua acção, um largo numero das suas paginas;

— uma conjunção rapidamente desenhada do mundo intimo com o aspecto externo, geralmente dramático ou caricatural, das suas personagens;

— certo sal picante de incisão literaria, pulvilhando as paginas de inteligencia e individualismo, de graça e elegancia;

— e, a par de tudo isso, um sentimento tão intenso da dôr, uma severidade tão forte na critica, e uma ternura tão directa pela adversidade, pelo naufragio moral, pela injustiça, que o escritor torna-se naturalmente querido, e consegue sem nenhuma especie de esforço o nosso respeito.

Ter visto tudo isto, ter lido e repetido uma a uma as suas paginas — e saber, reconhecer que esta creatura, aliaz ainda moça, pouco e raras vezes escreve, é positivamente amargo.

Porque, de braço dado com essas excepcionais qualidades de escritor, ai estão os defeitos. Devido á falta de serenidade, e sobretudo de continuidade, as paginas de Eduardo d'Almeida recentem-se quasi todas de falta

de espirito unitivo, são technicamente mal fundidas. Por ausencia de qualidades? Não. Eó já disse que não. Mas tão somente porque ha politica e finança no mundo...

Malditas sejam.

Em fevereiro ultimo recebi o livro «*Almas do Purgatorio*». Foi num domingo. Mandeilhe alegremente os meus parabens, e na noite do dia seguinte, em viagem para o norte, li todo o volume.

Passavam-se, matutinamente, aquelas terras onde o rio Vouga vem morrer — paisagem de silencio onde a indolencia do rio segue a ritmos de uma poesia extrema — quando eu fechei, sob a *Rustica*, as ultimas paginas do livro.

E de mim comigo vim dizendo:

— Ora aqui têm os senhores. Este, que vale mais, tantas vezes mais, do que quantos Souzas Costas, Joões Graves e Antheros de Figueiredos ha neste paiz; este, que, a par com Aquilino Ribeiro, tinha o primeiro plano no romancismo nacional... Este rapaz raro escreve!

Não encontrei nas *Almas do Purgatorio* nada, em natureza de valores, que eu não esperasse. Quero todavia ter o prazer de afirmar que a analyse e o espirito comovido que presidiram á construção das novelas — digo, dos factos vivos — que constituem a carteira de um advogado, são inoivdaveis; e que o artista que escreveu a *Rustica* se provou a si proprio um dos mais ricos temperamentos de escritor que em Portugal tem surgido.

ALFREDO GUIMARÃES.

Amnistia

Não podia este semanario, desde que franca e deliberadamente enveredou pelo caminho da restauração Monarchica deixar de elevar a sua voz a favor d'aquelles que por amor da Patria e da Monarchia arriscaram vida, fazendas e tranquillidade. Mas a nossa voz é fraca. E' preciso que a ella se junte a de todos os que n'esta terra alguma coisa valem, não porque tenhamos a ingenuidade de supôr que poderemos abrandar as furias jacobinas em favor dos que se sacrificaram pela honra da Patria e pelo bem de todos nós, mas para que esses cafes que uma ironia do destino collocou á frente dos destinos d'esta infeliz Nação saiba que, ao reclamarmos a amnistia para os que estão a ferros da ré publica ou nas agruras do desterro, não é a humilde e apagada voz de um vago jornalista de provincia que se ouve mas a da população de uma cidade, de um concelho inteiro, que se ergue para bradar: — Basta! Basta de ignominia! Basta de odio fe-roz contra os nobres vencidos! basta de perseguição soez contra

Alfredo Pimenta

Deste illustre jornalista e distincto homem de letras, e nosso presado amigo e conterraneo, recebemos com satisfação a seguinte carta que tomamos a liberdade de publicar:

Meos Amigos:—Tive, hoje, ao abrir o *Gil Vicente*, um grande contentamento: esse jornal que eu me habituei a bem querer, deixou a inzenta situação em que se mantinha, e tomou aquella ca-

aquelles que se não os expulsaram definitivamente de uma situação a que os seus meritos e virtudes lhes não dariam nunca direito a ascender, foi porque não quizeram, foi porque tiveram em mais alta conta os interesses da Patria do que os do partido que serviam. Basta de medo ridiculo de que lhes tiremos definitivamente a gamella, enquanto ella tiver que lamber, pois que a nossa hora chegará naturalmente quando os retardatarios os atassalharem ao verem devorado o seu quinhão. Sim, é preciso fazer comprehender a esses cafres da governança que a *nossa hora* ha-de chegar com ou sem aquelles que o seu odio prepotente conserva fóra da lei. E' preciso fazer-lhe comprehender a inaniidade e o ridiculo dos seus rigores. E, para isso, Guimarães, nobre cidade em que viu a Luz o primeiro Rei, que foi o primeiro portuguez, deve dar, como em muitas outras coisas tem feito, o exemplo. Guimarães deve, pela bocca dos seus homens bons, os seus lavradores, os seus negociantes, os seus industriaes, e, sobre tudo pela esperança de todos elles, pelos seus filhos—os Academicos—levantar um brado unisono a favor dos que se sacrificaram para que a sua Patria não morresse miseravelmente. Guimarães deve lembrar-se que alguns dos seus filhos que a esta terra deram o esforço da sua intelligencia, do seu braço e da sua intrepidez estão, uns prezos, outros expatriados.

—Faltam ao nosso convívio, João Rocha dos Santos—o douto e brilhante advogado, falta esse espelho da honra, da dignidade e do brio que se chama Coronel Joaquim de Sá e Mello, falta o arrojado guerrilheiro Antonio Machado, falta... Mas para que citar mais nomes se estes bastam para acordar a consciencia dos Vimaraneses, e leval-os a fazer qualquer coisa em sua honra, senão em seu proveito? Entendemos, pois, que as associações locais da Agricultura, Commercio, Industria e Academia devem levantar um brado unisono a favor dos prezos e desterrados e d'aquelles a quem a infame cubica roubou o pão. Deviam fazer um apêlo a todo o Paiz para que as outras associações congêneres secundassem o seu impulso de justiça e gratidão. Não daria nenhum resultado pratico?—é possível; no entanto as victorias moraes também se contam e esta teria uma alta significação: a de mostrar ao mundo que a população de Portugal se não compõe exclusivamente dos descendentes dos sarracenos e dos judeus que a espada dos nossos maiores poupou, e que agora por mão dos seus netos se vingam da generosidade com que foram tratados. E' preciso mostrar ao mundo que ainda ha, em Portugal, descendentes da raça goda e da celtica, e sobretudo, vestígios da civilização romana.

Nota da Redacção.—Este artigo foi escripto para ser publicado quando o «Gil Vicente» foi entregue á direcção do nosso correligionario sr. Capitão Abreu de Lima. Como, por motivos extranhos á vontade de s. ex.ª, o jornal não se publicou sob a sua direcção, o artigo «Amnistia» deixou de vir a publico. Vem agora e com mais oportunidade do que então. Também nós clamamos:—Amnistia! Venha a amnistia!

V. Ex.ª faz mal as suas digestões? Fica, depois das refeições, com o estomago cheio e com afrontamentos? Pois tome uma a duas colheres de chá DIGESTINA TRIPLICE «ACTIV» no meio de cada refeição e passará a fazer as digestões PERFEITAMENTE.

Pedir instrucções gratuitas á «Sanitas»—T. do Carmo, 1—Lisboa.

Entrevistando um...

Como o nosso jornal passou a ser ostensivamente monárquico, todo o nosso empenho é propagandear os princípios em que assenta a nossa doutrina. Para isso a tudo recorremos. Menos ao emprego da bomba, do assassinato ou da revolução. Queremos a conquista dos nossos ideais realizados, ao abrigo da lei. As revoluções para nada servem. E no caso presente, nós julgamos prestar um ótimo serviço á causa monárquica, fazendo recordar a muitos dos nossos correligionarios uns certos e determinados factos que sempre deviam estar bem patentes aos olhos de todos, mas que infelizmente parece terem esquecido.

Referimo-nos ao que aqui, neste concelho, se passou quando foi das eleições de 1917 e á aliança que a alguns republicanos prestaram os monárquicos nas últimas eleições.

Os senhores disto parece terem em pouca conta esse auxilio e por isso nós fomos até ao café da Porta da Vila, ao cair da tarde dum destes quentes dias de maio, para trocarmos algumas impressões sobre tam momentoso assunto.

Encontramos quem queriamos. Não precisamos de apresentação. Somos conhecido do nosso entrevistado, há muito tempo já, e por isso sem relutância nenhuma a seguir ao cumprimento do costume fizemos-lhe logo esta pergunta:

—Que pensa do «Gil Vicente» na sua nova fase?

—Penso que andou muito bem declarando-se sem rodeios o que sempre foi—monárquico.

—Mas sabe V. Ex.ª o motivo porque o nosso jornal deu este passo?

—Snobismo, um desejo grande de dar nas vistas e também vontade de explorar a opinião pública neste concelho que incontestavelmente é, na sua grande maioria monarchica.

—Permita-lhe dissemos, que discordemos desse modo de encarar as coisas. O nosso jornal é monárquico porque só na Monarquia a Patria se salvará. V. Ex.ª não ignora o estado verdadeiramente lastimavel a que o seu ideal tornado realidade, levou este desgraçado país. Nós temos as nossas finanças arruinadas, temos o nosso futuro comprometido, estamos emfim ás bordas do abismo. Foi, sim, a Patria quem nos meteu neste caminho, e não o tal snobismo que nunca cultivamos. Nós não conhecemos viscondes nem salões. Conhecemos só uma realidade: a acção.

—Mas V. Ex.ª acaba de dizer que este concelho é na sua enorme maioria monárquico?

—E' sem duvida. E tanto que se nas ultimas eleições os seus correligionarios nos não ajudaram, nós não venciamos as minorias sequer.

—Mas, diga-me V. Ex.ª uma coisa: qual o motivo porque os monárquicos os ajudaram?

—Olhe, nós enganamo-los. Diziamos-lhe que o que era preciso era destronar quem o senhor conhece. Depois todos nos arranjamos. E eles fiaram-se em nós.

—Cairam no logro, não é assim?

—Sem duvida. Contudo qual-quer caia. Temos um certo jeito para entrujar. Somos politicos.

—Não os norteou nessa luta contra correligionarios o bem do concelho?

—Qual bem do concelho!... O que nós queriamos era fazer figura. Estavamos cansados de suportar a tirania dum homem que durante sete anos foi o régulo desta terra. E nós faziamos de pretos. Nada se fazia em que elle não metesse o focinho. Não

se fazia em Guimarães nada em que elle não fosse ouvido. Porisso é que o Dr. Francisco Veloso chamou a Guimarães a terra dos marianos. Imagine o senhor que num belo dia, esse cavalheiro lembrou-se de se mostrar zangado. Disse retirar-se da politica. E nós estavamos tam habituados a obedecer-lhe que lhe fomos pedir, de joelhos quasi, que nos não abandonasse. E elle acedeu. Só agora vejo a figura que fizemos.

—Porisso nas últimas eleições procuraram alijá-lo, não é verdade?

—E' claro. Preciso era que o nosso tempo de mandar chegasse também. As chapeladas, isto aqui para nós, também nos seduzem. Também gostamos de ser cumprimentados.

—Mas sendo o partido já de si pouco numeroso, como é que V. Ex.ª e correligionarios conseguiram centenas de votos?

—Ora essa, são os votos dos monárquicos.

—Sim, compreendo.

—Ora eles, coitados, não se lembraram no momento em que lhes batemos á porta naquelas horas affitivas dos dias proximos das eleições, que nós eramos os mesmos que em 1917, lhes desviamos a vitória que eles tinham ganho com o eleitorado do concelho. Tivemos ai homens que sabiam atirar bombas, e dispostos a tudo. Trouxemos-las para o que desse e viesse. Vieram de Lisboa, mandados por um tal Galhardo, como representantes da autoridade. E os monárquicos ficaram fulos nessa ocasião. E tiveram razão. Aquilo não era coisa que se fizesse. Foi pouco politico e pouco humano. Mas, felizmente para nós, esqueceram depressa a afronta recebida.

—Se os papeis se invertessem, com certeza os correligionarios de V. Ex.ª, não esqueceriam?

—De maneira nenhuma.

—Os monárquicos, pelo que se vê não devem prestar mais o seu concurso a republicanos, pois não?

—Não, não devem. Só se perderem a vergonha.

—E diga-me V. Ex.ª, mais uma coisa: esses melhoramentos que tentaram levar a efeito, vêm ou não?

—Nem pensamos nisso. Nós não temos competencia para coisas altas. Se nos tirarem de distribuir umas senhas de açúcar e privar as Taipas de luz, estamos prontos. Somos, com franqueza lhe digo, umas nulidades.

—Modestia da parte de V. Ex.ª

—Nada, nada disso. Sabe o que nós temos feito? Procuramos arranjar-nos. Olhe que ha alguns entre nós que têm aos cinco, quatro e três empregos. Procuramos comer. Porque isto de ideais... Em tratando-se dos republicanos, queria acrescentar...

—Obrigado por tudo.

E com um aperto de mão, despedimo-nos deste coração aberto. Mal elle imaginava que esta conversa ia para o «Gil Vicente».

Monarchicos! Lembrai-vos dos enxovalhos e insultos que em 26 de abril as vossas familias receberam, com a cumplicidade declarada da dissidência democratica!

OS GAZES DO ESTOMAGO E INTESTINOS desaparecem tomando o CARVAO SANITAS.

AS DIARRHEAS DAS CREANÇAS e as perturbações da digestão, curam-se, tomando tres comprimidos de Lactosymbiosina por dia.

Pedir instrucções á «Sanitas»—T. do Carmo, 1—Lisboa.

REPAROS...

Não tem culpa...

Dizem-nos que um empregado dum dos mais modernos estabelecimentos de ensino cá da terra, escreve Afonso So em vez de Afonso e Alpuim em vez de Alpoim. E' fino, não ha duvida. Creemos não ser nenhuma especie de amanuense ou coisa parecida. O homem naturalmente escreve assim por causa de agradar e se parecer em tudo com o que julga ser uma e a mesma coisa a adaga e o capacete.

Pedido

Aconselhamos a todos os nossos leitores uma visita á E. P. S. para admirarem as modificações introduzidas no velho pardiheiro do areo e ás lições do sabio mestre que diz assim: le mon pere etc.

Nem nos focinhos...

Que estará a fazer aquele montão de pedras no largo de S. Tiago? Será para o embelezar? Cuidem menos de paparoca, senhores édis, e velem mais pela cidade. Arre diabo, é desleixo de mais. Já chega de brincadeira.

E' um portento

Contam-nos que um *topa a tudo*, querendo aqui ha dias dar aos seus alunos uma explicação do que era ou seria uma adaga, lhe chamou um capacete! E' um portento este mestre. Será ele o mesmo que no ano que passou dizia: le mon pere, la ma mere? Com certeza. Mas a culpa não é dele. E' de quem o lá meteu. Verdade seja que o corpo docente efectivo desse estabelecimento de ensino que nos merece o maior respeito, não teve culpa em tal escolha. Quem a tem toda é o Joaquim, aquele (diz ele) a quem eu trato por *tu*. Estes conhecimentos são o biabo. Foi o homem escolhido para mestre e ele nem para continuo serve. Mas como é democratico, tem a sua recomendação feita. Chegamos a um tempo em que se pode ser tudo, desde que se seja servo obdiente e humilde do engeitado de Ceia. Que miseria isto tudo acusa. E manda um diabo assim, nesta terra. Que miseria, ó nossos queridos leitores. Este cavalheiro ainda ha de ser deputado.

O assucar

Aquella distribuição do assucar da Camara, foi um *triumpho* da administração dissidente.

Enquanto uns, apesar de ricos, levavam aos 17 kilos, outros não conseguiram arranjar um kilo só que fosse, apesar de bem pobres.

Que estes não se esqueçam de ir deitar o seu votinho nas proximas eleições... e a favor da gloriosa dissidência...

Os pobres devem estar imensamente agradecidos a uma *gente* que assim os tratou com tão *carinhosas* atenções...

A' Sociedade P. dos Animaes

E' barbara e cruel a forma como são exterminados os cães vadios na via publica.

A benemerita S. P. dos Animaes—n'esta terra de benemerita só tem o nome—que gastou tanto dinheiro nas placas que affixou pelas esquinas, recomendando caridade para com os animaes, assiste, sem protesto e sem tomar providencias a tão deploravel espectáculo! E' justo que sejam abatidos todos os cães vadios, mas façam esse serviço d'u-



Anniversarios

Durante esta semana fazem annos as Ex.ªs Srs.ªs:

Dia 25—D. Beatriz Lage.

E os Srs.:

Dia 18—Diniz Teixeira Leite Lobo.

» 20—Joaquim Martins Guimarães.

» —Dr. Manoel de Carvalho Rebelo de Menezes.

» —Aurelio de Barros Martins.

—Parabens.

ma forma mais agradável á vista. Façam como aos prezos politicos; —prendam-n'os, e, depois, muita força de cavallo marinho até acabarem com elles (cães).

Imbecillidade "dissidente,"

No largo fronteiro ao Cemiterio d'esta cidade, existe um formoso penedo que a Camara dissidente mandou destruir para cascalho! O sabio Martins Sarmiento sempre que via esse formoso penedo ameaçado, corria á Camara para o salvar e sempre foi attendido. Dizia Sarmiento:—«colloquem-lhe no cimo a estatua da Fé e cerquem-n'o d'hera».—Mas n'esse tempo estava na Camara o Dr. Meira, o Abbade de Tagilde e outros *insignificantes* cá da terra. Agora... é outra gente. Elle ha tanto penedo cá no burgo e que dava bem bom cascalho... Imbecis!

Para que todos saibam

Como possa haver alguem que desconheça a *geografia* de certo official cá da terra, vamos, em breve, iniciar n'este jornal, as transcripções das cartas de Guimarães publicadas em Agosto e Setembro do anno ultimo em o nosso distincto collega de Lisboa «Monarchia» e que são edificantes!

Igreja da Misericordia

Passou na quinta-feira d'Ascensão o primeiro centenario da instituição do S. Sacramento na igreja da Misericordia.

Habitualmente ha n'aquella igreja a exposição do S. Sacramento ás 5.ªs feiras; não era demais que se fizesse qualquer festa ao passar o primeiro centenario do legado que instituiu o Sacramento. Pois não se fez isso e, o peor, é que nem o Santissimo se expoz, como habitualmente se faz, á quinta-feira. E' triste! E a capella mór? Que vergonha e que desleixo!

A quem compete, chamamos a sua atenção, para o abandono a que a igreja da Misericordia foi votada.

E' preciso

A policia precisa de vigiar melhor o largo Martins Sarmiento, onde todas as noites mulhersinhas de má nota se juntam para fins pouco decorosos.

Será para que o senhor sub-delegado de saude as veja? E' possível.

V. Ex.ª sente-se fraco? Tem falta de appetite? Sente pouca disposição para o trabalho? Pois tome 20 gotas de DYNAMINA a cada refeição e sentir-se-ha completamente curado.

«SANITAS»—T. do Carmo, 1—Lisboa.

AUTOMOVEIS

“Chevrolet,”

Modelo F B 1920

Vende

Ernesto de Vasconcelos

Rua Candido Reis, 133 — PORTO

AUTOMOVEIS

“Stutz,”

Modelo 1920

Vende

Ernesto de Vasconcelos

Rua Candido Reis, 133 — PORTO

Orfeão de Guimarães

Este distincto orfeão que tem a merecida sympathia da nossa terra, realizou em as noites de 11, 12 e 14 do corrente, três magnificos concertos no Theatro de D. Affonso Henriques, revertendo uma parte do producto liquido em beneficio das casas de caridade vimaranenses.

Foram três noites que jamais se apagarão da memoria de todos quantos tiveram a ventura de ouvir os distinctos orfeonistas, que, diga-se sem lisonja e tão somente por homenagem á verdade, executaram d'uma maneira superior todos os numeros do programma annunciado, sobretudo *Nabuco*—de Verdi—foi magistralmente cantado, deixando na selecta assistencia a mais agradabilissima impressão.

Os snrs. padre Maia dos Santos e os seus cooperadores snrs: Padre Ramos, Padre Fernandes e José Guize podem orgulhar-se e estar plenamente satisfeitos por verem coroado de bom exito todo o seu aturadissimo trabalho.

Muito bem, mesmo muitissimo bem!

Abraçando d'aqui o illustre regente e estreitando tambem ao peito todos os orfeonistas, cumprimos um dever que nos é grato ao coração, traduzindo assim singelamente o nosso sincero reconhecimento pelas três deliciosas noites que s. ex.^a e os seus discipulos tão gentilmente nos souberam proporcionar.

Abraços e muitos parabens igualmente a todos aquelles que, guiados pela mão do snr. Francisco Guimarães, com tanta mestria desempenharam a peça—*O Modelo da Virgem*—.

Foram três noites, repetimos, que não podem esquecer nunca, três noites que hão de lembrar sempre com saudade.

O «Orfeão de Guimarães» canta hoje á noite no Theatro de Sá de Miranda, em Vianna do Castello, o que equivale a dizer que terá uma casa repleta e que não lhe serão regateados vibrantes e entusiasticos applausos, apesar de sabermos a exigencia dos vianenses, exigencia propria de quem conhece e sabe prestar culto á boa arte.

Mas se dizemos que os nossos orfeonistas vão ser ali delirantemente victoriados, é precisamente por sabermos o quanto são justos e hospitaleiros os filhos da linda e esbelta Princesa do Lima, e não ignorarmos o quanto vale o «Orfeão de Guimarães» que, diga-se tambem sem rapapé e sem bairrisimo, sabe cantar e apresentar-se sempre, aqui e em toda a parte, como quem se apresenta num baile, isto é, com requintada gentileza e primorosa distincção.

Joaquina Ferreira, abriu o seu atelier de Chapéus para Senhora e Criança na Rua Francisco Agra, n.º 16 — Guimarães.



Por Guimarães

A Meza da Irmandade do Cordão e Chagas

Informam-nos que no passado domingo se procedeu á eleição da mesa desta irmandade sendo reeleitos os mesmos individuos com excepção do secretario snr. Elisio Teixeira de Carvalho, que foi substituido pelo mesario snr. Manoel da Cunha Machado e eleito ou nomeado para o logar deste o snr. João do Couto Salgado. Não assistimos á eleição, mas acreditamos que assim fosse. Era necessaria a continuação na direcção dos destinos da mesma irmandade do actual juiz e indispensavel a entrada do novo mesario para nada faltar.

Tambem nos informam que tem sido admitidos alguns irmãos novos e que outros se tem recusado a fazer parte de tal irmandade. Se por um lado é muito para louvar a attitude destes, e demais que sabemos que o pedido tem sido repellido com palavras bem dignas de elogio, por outro lado é para sentir que não tivessem dado a sua acquiescencia ao pedido. Só com pessoas como estas que se não prestam ao vergonhoso papel de se pactuarem com individuos que, sem consideração de especie alguma pelo seu nome, se lançaram na aventura de pretenderem desviar dos seus fins as disposições testamentarias do benemerito José Bento Alves de Carvalho, é que se pode exercer uma acção eficaz e conseguir-se o respeito e a confiança que tão necessaria é na administração destas casas.

E se por mais duma vez temos neste logar pedido, para o caso, a intervenção da auctoridade administrativa, é porque intendemos que um grande serviço prestamos a esta cidade, procurando saber como são administradas estas irmandades.

Na mesa do Cordão e Chagas não podem continuar individuos que deixaram penhorar um predio que á irmandade pertence para pagamento de custas em que foi condemnada numa acção que a Ordem de S. Francisco lhe moveu para a sacudir duma herança que lhe não pertence.

Mas quanto e quanto ha que dizer ainda sobre este momento-so assunto!

AS ANEMICAS E CHOROTICAS com faltas de menstruação, tornam-se rosadas e saudaveis, tomando a AMENORRHEINA.

Pedir instruções gratuitas á «Sanitas» — T. do Carmo, 1 — Lisboa.

Excursão

Na proxima quarta-feira, 19 do corrente, vem em excursão a esta cidade, a Academia de Aveiro, realizando á noite no Theatro D. Affonso Henriques, um attrahente espectáculo.

D. Judith Blanc

Passou na ultima quinta-feira o anniversario natalicio da Ex.^{ma} Snr.^a D. Judith Faria Blanc, dedicada esposa do Snr. Major Blanc.

Parabens.

Festas Gualterianas

Reunião magna da Associação Commercial

Na passada quinta-feira, a convite da Direcção da Ass. Commercial, reuniram-se em sessão magna no salão nobre d'aquella prestimosa colectividade, as classes commercial e industrial, representantes de Associações e imprensa, afim de se trocarem impressões sobre a realização das proximas Festas da Cidade ou Feitas Francas de S. Gualter.

Apoz acalorada discussão ficou resolvido effectuar-se sómente as tradicionaes feiras, na forma do anno transacto, imprimindo-lhe o maior brilhantismo possivel.

Espera a Direcção da Associação Commercial, que este anno se realizem por essa occasião, duas touradas, que são sem duvida um dos numeros que mais forasteiros chama a Guimarães.

Casamento

Na parochial de S. Martinho do Campo, consorciou-se hontem a Ex.^{ma} Snr.^a D. Mafalda Mendes d'Almeida, irmã do nosso estimado amigo, Snr. Bernardino Mendes d'Almeida, com o Snr. Alexandre Pereira da Costa, socio da firma Manoel Pinheiro Guimarães & C.^a, Succesores.

Aos noivos, bem digno das maiores felicidades, desejamos um risonho futuro.

«A Tradição.»

Recebemos a visita deste distincto semanario que principiou a publicar-se na vizinha vila de Fafe.

«A Tradição», que se apresenta bellamente redigida, é mais um baluarte da causa sagrada da Patria e da Monarchia.

Ao nôvel collega, ao qual desde já nos estreitam os laços da mais leal camaradagem, desejamos uma longa e prospera vida.

A dissidencia é peor ainda, porque é hypocrita: querendo fazer-se tolerante e respeitadora, é afinal, da mesma marca.

DECLARAÇÃO

Chegando ao meu conhecimento que meu genro João de Freitas Ribeiro, filho do Ex.^{mo} Snr. Antonio de Freitas Ribeiro, continua a contrair dividas em prejuizo do seu casal, iludindo as pessoas de boa-fé, que ignoram a sua situação, eu venho declarar ao publico que o mesmo meu genro, por sentença judicial que transitou em julgado, se acha, desde ha annos, na situação de interdito por prodigalidade, sem dar o mais leve indicio de regeneração; e que, portanto, sua mulher e minha filha D. Josefina Elvira Leão da Cruz Costa, se oporá ao pagamento dessas dividas e á satisfação de quaisquer outras responsabilidades por ele contraídas.

Guimarães, 4 de Maio de 1920.

Bento dos Santos Costa.

(Segue o reconhecimento)

O melhor remineralizador do organismo é a CALCINA TRIPLICE «ACTIV». As creanças tomam-a com prazer, por o seu gosto ser muito agradável. V. Ex.^a é fraco? Os seus pequenos tiveram uma dentição tardia? Não são sufficientemente fortes? — Pois dê-lhes a Calcina Triplíce e verá, em alguns mezes, modificar-se o seu organismo.

Os anemicos devem preferir a **Calcina Triplíce com Ferro organico.**

Os lymphaticos e escrophulosos devem preferir a **CALCINA TRIPLICE COM IODO ORGANICO.**

Os que estiverem muito fracos, com tendencia para a tuberculose ou filhos de tuberculosos, devem preferir a **CALCINA TRIPLICE COM ARRHENAL.**

Pedir instruções á «SANITAS» T. do Carmo, 1—Lisboa.

Maquinas de escrever, magnetos e todos os aparelhos electricos, concertam-se.

Correspondente da «Ilustração Nacional»

Dirijam-se a Luiz do Souto.

DINHEIRO

Da-se por hypotheca e compram-se predios.

Solicitador Pimenta.

Declaração

Eu abaixo assignado desafio qualquer dos meus vis caluniadores, seja qual for a categoria social com que pretendem encobrir a sua maldade e baixeza de caracter, a vir publicamente enumerar quaes são as pessoas de boa fé que por mim foram iludidas e apresentar os nomes dos meus credores.

Nunca é de mais afirmar a esses repugnantes biltres que a interdição não diminuiu o meu credito e bom nome para pessoas que da sua honradez e dignidade não tem feito um sujo esfregão como aquelles que maldosamente pretendem manchar a minha reputação.

Toda a gente sensata e conhecedora de que a interdição não foi mais nem menos que uma armadilha manhosamente preparada e na qual impenhadamente cahi.

Guimarães, 11 de Maio de 1920.

João Baptista de Freitas Ribeiro.

(Segue o reconhecimento)

Fotografia Moderna

Domngos Alves Machado, proprietario desta acreditada fotografia, participa que tendo adquirido todo o arquivo da extincta Fotografia Carvalho, se acha apto a executar com a maxima perfeição qualquer trabalho que a esta fotografia tivesse pertencido.

Pede, pois, aos Ex.^{mos} freguezes d'aquella antiga casa, o favor d'uma visita.

Garrafas

Compram-se e pagam-se bem na Pastelaria da rua de Camões.

Gravatas e Chapéus

Sempre o melhor sortido, na CASA MARTINS.

